

De qualquer promessa mole,  
 De todo ajuste que empaca,  
 De paixão pelo baralho,  
 De sombras da urucubaca...  
 Contra os males que te aponto,  
 Nunca vi qualquer vacina;  
 Só vejo a prece com fé  
 Na Providência Divina.

## HISTÓRIA DE JOÃO CÔCO

O sitiante João Côco,  
 Na Roça do Sapecado,  
 Certo dia, amanheceu  
 Francamente obsedado.  
 Ele era solteirão,  
 Tão sóbrio quanto esquisito,  
 Pois João acordou aos pulos  
 Dando berros de cabrito.  
 Aquela perturbação,  
 Dolorosa e repentina,  
 Não aceitou tratamentos,  
 Zombou da própria morfina.  
 Levado a um grupo de preces,  
 Pelo médium, veio um Guia...  
 João explicou-lhe, chorando,  
 Tudo aquilo que sentia.

O protetor ouviu, calmo,  
 E depois falou-lhe: - "João,  
 Você ficará curado,  
 Porém, sob condição!..."  
 — "Qual é?" — perguntou, aflito,  
 O pobre amigo João Côco —  
 "Ouço vozes que me acusam,  
 Vejo monstros, vivo louco!..."  
 O Guia expressou-se amigo  
 Com palavras meditadas:  
 — "Todos temos inimigos  
 Das existências passadas...  
 Já plantamos sobre a Terra  
 Muita luta e sofrimento...  
 Colhemos os resultados  
 Nas provações do momento.  
 Se você quer se curar,  
 Busque novas esperanças...  
 Dê tudo quanto tiver  
 Em socorro das crianças..."

Totalmente renovado,  
 João fala, exalta, elucida;  
 Às crianças sem amparo  
 Cederia a própria vida.  
 No grupo dos companheiros  
 Começou logo a sonhar:  
 Faria uma casa grande  
 Para os meninos sem lar.  
 Cinco anos se passaram,  
 Mas João Côco nada fez,  
 Se questionado a respeito,  
 Dizia apenas "talvez..."  
 A irmã, senhora Cecina,  
 Veio a ele interrogar:  
 — "João, e a casa das crianças,  
 Quando é que vai começar?"  
 Replicou-lhe o sitiante:  
 — "Espero o auxílio do Além,  
 A obra é de capital  
 E as cousas não andam bem."

Em resposta ao questionário  
Do jornalista Aristeu,  
Disse João: “a seca é grande,  
Todo o meu gado morreu.”  
Logo após, veio a pergunta  
De Dona Clara Maria;  
Apertado, falou João  
Que a casa demoraria.  
Relacionando o problema,  
Confessou ao Nicolau:  
— “Estou pobre e sem recursos,  
Vivo à laranja e mingau...”  
Trinta janeiros se foram...  
João Côco, em vida folgada,  
Não atendeu a ninguém,  
Nem procurou fazer nada.  
Mas, um dia, a obsessão  
Voltou a João e ele, aflito,  
Pulava sem direção,  
Berrando que nem cabrito.

O caso se complicou,  
O enfermo sempre tremendo  
Viu chegar outra doença  
E João acabou morrendo...  
Depois de muitos estudos,  
Vieram as conclusões:  
João Côco deixou ao léu  
Setenta e cinco bilhões.